

Risco Brasil volta a subir acima dos 2.000 pontos no embalo das eleições

Patrícia Fortunato

De São Paulo

O indicador de risco Brasil do JP Morgan Chase deve manter-se no patamar dos 2.000 pontos-base até a definição das eleições, segundo o economista-chefe do banco no país, Luis Fernando Lopes. Na sexta-feira, passada a euforia provocada pelo pacote de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI), a ressaca foi forte: o risco subiu 13,99% e fechou a 2.005 pontos-base. Em agosto, esteve abaixo dos 2.000 pontos por apenas dois dias.

Mas se o risco se manterá tão alto, qual a influência do pacote? Para Lopes, sem a ajuda do FMI e

considerado o cenário eleitoral, o risco-país hoje alcançaria 3.000 pontos-base. O mercado de dívida externa, que determina o risco-país, é regido por duas variáveis, explica Lopes. Uma delas é a a própria dívida, que está estabilizada com o pacote. Mas a outra variável permanece indefinida: é a eleição de outubro e, por consequência, as reformas que podem acontecer a partir de 2003.

Para um corretor, no entanto, à medida em que José Serra (PSDB) "afasta-se do Planalto", o resultado das pesquisas perde importância. "Não há disputa pelo bronze", salienta, em alusão ao fato de o tuano e Anthony Garotinho (PSB) disputarem hoje um terceiro lugar,

que os elimina do segundo turno.

Na sexta-feira, ainda de acordo com o corretor, além dos boatos de uma possível renúncia de Serra — negada pela assessoria do candidato e classificada como "sem sentido" —, o C-Bond teve forte queda devido a um grande movimento de venda. "Quem segurou os C-Bonds comprados a US\$ 0,50 aproveitou a alta registrada na quarta-feira e vendeu", explicou. Ele lembra que quem comprou papéis na terça-feira, quando ainda havia dúvidas de que pacote do FMI viria, e se livrou dos C-Bonds na quinta, após a confirmação dos US\$ 30 bilhões, embolsou quase 10% de retorno. Os movimentos de vendas devem manter-se, o que

impede que o C-Bond volte a valer o que o mesmo que nos primeiros meses do ano, quando chegou a estar cotado a US\$ 0,82.

O principal título da dívida brasileira caiu 9,76% na sexta-feira. Pagava prêmio de risco de 1.851 pontos e valia US\$ 0,5506. Por outro lado, a parte curta da dívida apresenta uma curva melhor. O Global 04, por exemplo, apresentou queda menos vertiginosa ao recuar 5,52%, para US\$ 0,7913. O papel oferecia prêmio de 2.600 pontos. O fato de um papel de curto prazo, menos líquido e que embute maior risco, não ter, pelo menos na sexta, acompanhado o naufrágio do C-Bond foi visto com certo otimismo.